

Pandemia da desinformação: as fake news e a sua influência na vacinação contra a COVID-19 sob a ótica de Michel Foucault

The pandemic of misinformation: fake news and its influence on vaccination against COVID-19 from the perspective of Michel Foucault

La pandemia de la desinformación: las fake news y su influencia en la vacunación contra el COVID-19 desde la perspectiva de Michel Foucault

Thais Lazaroto Roberto Cordeiro¹

1 Enfermeira. Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Faculdades Pequeno Príncipe. Curitiba, Paraná.

COVID-19 e vacinação: compreendendo as conexões

O primeiro caso do novo coronavírus (SARs-CoV2) foi identificado na cidade de Wuhan, China, em 31 de dezembro de 2019; propagando-se rapidamente pelo continente asiático e, em seguida, Europa. Com a transmissibilidade acelerada, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou a identificação de casos suspeitos, bem como de uma potencial crise

mundial desencadeada pela mortalidade do vírus; nesse período, o Brasil já confirmava o primeiro caso e, em poucos dias, o primeiro óbito decorrente da doença¹.

Atualmente, passados dois anos, o mundo soma mais de 450 milhões de casos positivos e 6,18 milhões de óbitos. Famílias e comunidades inteiras foram

Autor de Correspondência:

*Thais Lazaroto Roberto Cordeiro. E-mail: thais.lazaroto2014@gmail.com

acometidas pela doença que evoluiu para pandemia. O Brasil sofreu um aumento gradativo de casos e passou por momentos delicados, com indicadores alarmantes entre casos confirmados e óbitos – que somam mais de 660 mil em decorrência de complicações dessa patologia².

Inseridos em um contexto de crise sanitária, embates políticos e econômicos atingiram quase todas as nações, motivados tanto pela saúde quanto pela própria repercussão da pandemia. Logo, houve um movimento imediato das instituições de pesquisa em busca de soluções para erradicar a patologia. Nesse cenário, comunidades científicas se engajaram para produzir um imunobiológico eficaz e seguro para superar o momento.

No Brasil, o Programa Nacional de Imunizações (PNI) tem destaque mundial pela eficácia no combate e erradicação de várias doenças, como a poliomielite e a rubéola. A implementação do programa leva à vacinação os grupos prioritários, conforme calendário estabelecido, de modo gratuito e com acesso universal, respeitando os princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde (SUS)³.

Entre os desafios para a imunização em âmbito nacional, houve o surgimento de grupos contrários à vacina, que ganharam força nos últimos tempos, levando à diminuição da cobertura vacinal e provocando o reaparecimento de doenças até então extintas, como o recente surto de sarampo que ocorreu em diversos municípios brasileiros⁴.

“Além dos surtos de sarampo nos estados do Amazonas e Roraima, oito Unidades Federadas também confirmaram casos de sarampo: 43 no Rio Grande do Sul, 19 no Rio de Janeiro, 17 no Pará, quatro em Pernambuco e Sergipe, três em São Paulo, dois em Rondônia e um no Distrito Federal, totalizando 2.425 casos confirmados da doença, 12 com evolução para óbito, todos na região Norte^{5 p.3}.”

O fortalecimento de grupos intitulados “antivacinas” tem sido um obstáculo para os cientistas e para o

estabelecimento de políticas públicas eficientes que possibilitem a maior adesão da população⁶.

O crescimento da descrença relativa à imunização acontece por inúmeros fatores, sendo a desinformação recorrente um deles. Definidas como: “Informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar”⁷, as *Fake News* – termo utilizado desde o governo Trump e persistente no diálogo de políticos conservadores e pseudocientistas⁸ – são amplamente disseminadas à sociedade; por meio da conectividade e interação em redes sociais e à facilidade de acesso às notícias.

Este cenário acarreta notícias como essa: “Sarampo, pólio, difteria e rubéola voltam a ameaçar após erradicação no Brasil”. A publicação, de julho de 2018⁹, torna-se cada vez mais comum, com o texto evidenciando a baixa cobertura vacinal de grupos prioritários e estratégicos no combate às patologias elencadas. A falta de adesão da população decorre do crescimento das *Fake News* referentes ao tema, logo há também o aumento da desconfiança sobre a segurança e necessidade de vacinação¹⁰.

Como as fake news podem afetar a adesão à vacina contra a COVID-19

O panorama atual de pandemia e incertezas é envolto por tensão social, crise econômica, aumento do desemprego, intenso isolamento social, imersão em redes sociais, conectividade restrita aos meios digitais e grande circulação de notícias acerca das atualizações referentes à Covid-19.

Vive-se um acumulado diário de informações e notícias referentes à pandemia, o que originou um novo campo científico, já reconhecido pela OMS, chamado de “a infodemia”. O termo se refere a um significativo aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo

graças a um evento específico, por exemplo, a pandemia atual¹.

Nestas atualizações diárias há o bombardeamento de estudos e panoramas nacionais de vacinação, reforçando a necessidade de adesão como um pacto coletivo que visa o término da pandemia¹¹. Devido ao acesso às tecnologias, a disseminação de notícias se dá de maneira instantânea, pois a ideia é contribuir para a democratização do acesso aos fatos e conhecimentos de modo geral; porém, há uma dificuldade inserida no refinamento das informações, de modo a identificar quais conteúdos são reais e quais apresentam um caráter duvidoso (*fake news*).

Nesse sentido, o assunto ganhou tamanha relevância que, em 03 de julho de 2020, foi encaminhado ao senado o Projeto de Lei 2630/2020¹² que institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet, criando medidas de combate à disseminação de conteúdos falsos nas redes sociais, como Facebook e Twitter, e nos serviços de mensagens privadas, como WhatsApp e Telegram.

Houve grande dificuldade no consenso entre os parlamentares sobre o que é a desinformação e como seria possível a checagem das *fake news*, pois há uma mudança constante das variantes que interferem nas construções das verdades, sendo este um fenômeno fluido (as verdades), que se adapta e readapta aos contextos e dinâmicas cujas certezas e incertezas se reconfiguram a todo momento.

Uma das problemáticas se refere ao conceito de pós-verdade: “expressa que o racional (logos) perde frente ao emocional (pathos) - diante da vontade de sustentar crenças, apesar dos fatos demonstrarem o contrário¹³”. A participação nas redes sociais e os fenômenos sociais gerados por elas, concedem a voz a quem normalmente não a teria. Pois, onde alguns indivíduos sentem a necessidade de ter uma opinião formada acerca de todos os assuntos, cria-se a

perspectiva de que a própria palavra tem autoridade sobre qualquer tema, fazendo com que médicos e leigos interessados sem questões relacionadas à saúde, por exemplo, tenham o mesmo peso de palavra, como no caso da vacinação. A razão, dessa forma, acaba pendendo para quem “grita mais alto”, tem mais influência digital, ou é visto como formador de opinião por um grupo¹⁴.

Hoje, o poder atrela-se à influência digital e às reformulações de discursos; os *influencers* são subsidiados por interesses comerciais, capitalistas e contam com a habilidade de distorcer informações no intuito de proferir sobre determinado tema, como ao fundamentar a não adesão à vacinação contra o Covid.

Ocorreu, recentemente, após o óbito do ator Tarcísio Meira, o aumento significativo de discursos que afirmam a ineficácia da vacina, “a vacina não protege, ele morreu após duas doses”; outras notícias também ganharam grande destaque, como: “Enfermeira-chefe desmaia 'ao vivo' após tomar vacina contra Covid-19¹⁵”. Ou “Enfermeira desmaia após tomar vacina contra a covid-19 da Pfizer-BioNTech¹⁶”. Tais notícias, bem como seu potencial de disseminação relacionado à dúvida sobre a segurança da vacina é evidente, grupos negacionistas utilizam esses argumentos para criar um arsenal contra a imunização.

A disseminação de *fake news* pode ocorrer de maneira mais estrondosa quando um ator social em posição de liderança, ou pessoas que tenham nível privilegiado na sociedade, por exemplo, proferem discursos de apoio a grupos negacionistas. Um exemplo é um médico produzindo um discurso que associa esse acontecimento a uma reação vacinal, a sociedade pode compactuar com esse discurso devido à posição de privilégio de um médico proferindo uma opinião como especialista do assunto, mesmo que isso seja um fato inverídico, aumentando o potencial de disseminação dessa informação equivocada¹⁴.

Explorando o discurso sob a ótica de Michel Foucault

Michel Foucault, em sua obra “A Ordem do Discurso” (1970), discorre sobre a hipótese de domínio do discurso por um indivíduo em posição de liderança e o poder desse discurso sobre determinada coletividade. No livro, o filósofo procura explicar como o discurso se organiza, se manifesta na sociedade, assim como os frutos que ele pode gerar, pontuando os seus perigos, potencialidades e proliferação¹⁷.

A obra teve origem em uma aula de abertura no *College de France*, posteriormente tornando-se livro; na ocasião, Foucault relata os procedimentos instituídos para ordenar o discurso, como aqueles externos. Ele define termos como a “rejeição”, que compete a quem pode falar sobre um assunto, por exemplo: em uma missa quem poderia falar seria apenas o padre, pois estudou para tanto; já em uma família tradicional patriarcal seria o patrão ou pai, pela posição ocupada na sociedade, quem possui o “direito privilegiado”, pois se encontra em nível prestigiado naquela comunidade (ou núcleo familiar) e sua palavra é vista como uma verdade¹⁷.

Assim, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo¹⁷. Este fenômeno está relacionado à legitimidade da pessoa que profere o discurso, ou seja, uma barreira imposta em relação a quem teria o poder de falar sobre determinado tema, na posição de autoridade e propriedade enquanto sujeito de fala. Isto é, apenas pessoas qualificadas e selecionadas poderiam falar sobre alguns assuntos, sendo legítimo o seu discurso e, assim, apenas as palavras desses indivíduos seriam levadas em consideração¹⁷.

Outro fator discutido pelo autor é o poder e os seus mecanismos na sociedade. O discurso, por exemplo, é um deles, ao influenciar e moldar a coletividade a um bem ou ideia comuns, sendo recorrente associá-

lo a grandes instituições como o governo, empresas, igrejas¹⁷.

Porém, para Foucault ele (o discurso) está presente em todos os lugares e não atrelado a um indivíduo apenas, mas sim conectado por uma rede. Um grupo constrói seus saberes coesos entre si, apegam-se a discursos que fortalecem tais conhecimentos e agem no seu território usando os micropoderes para o controle sobre o cotidiano dos sujeitos. Nesta esteira, grupos negacionistas buscam brechas e reformulações de discursos para fortalecer suas práticas de proliferação de falas negativas direcionadas à vacina, buscando argumentos para sua não adesão¹⁷.

Caso haja desvio no padrão estabelecido por um dado grupo, o indivíduo destoante é expulso, fortalecendo a política do cancelamento, o que pode parecer liberdade, porém trata-se de uma eterna prisão, com o recorrente vigiar (seu discurso) e punir (com a expulsão quem discorda)¹⁸.

Há vários elementos subjetivos, sociais, políticos, individuais e coletivos que interferem na adesão à vacinação e em como cada pessoa recebe as informações; reconhecer os fatores de influência deve ser um pilar no combate à desinformação¹⁹.

Separar a informação verídica da desinformação é um grande desafio contemporâneo, em que a construção de redes de confiança para a verificação de fatos é um caminho oportuno; reconhecer as especializações de cada sujeito e questionar os fatos antes de compartilhá-los, são boas alternativas. Além disso, compete a nós o reconhecimento de temas que dominamos e aqueles que podemos opinar com o devido embasamento, tendo ainda a capacidade de compreender as próprias limitações sobre o seu conhecimento.

A preocupação sobre a adesão à vacinação refuta a publicação de notícias como essa: “Desinformação preocupa mais do que grupos 'antivacina', diz epidemiologista ²⁰”; o impacto da desinformação é

de difícil mensuração, pois não há métricas precisas referentes a sua interferência na tomada de decisão de quem a acessa, mas é possível ver os reflexos na sociedade, como a baixa adesão à imunização, a constante circulação e reforço de informações sem base científica acerca de dados inverídicos e que se contrapõem à vacinação²⁰.

Nesse contexto, o professor tem papel fundamental, pois sua posição corrobora a ideia de “dominador do discurso” e, frente a esses acontecimentos, como a publicação de notícias falsas, cabe a nós, nos posicionarmos para contradizer e desacreditar as *fake news*. Nesse contexto é possível desfazer equívocos e ainda mais, permitir que a ciência se torne mais acessível àqueles sem acesso à universidade e pesquisas, na luta por políticas públicas de acesso ao nível superior, bem como o investimento na educação básica.

Cabe aos cidadãos a responsabilidade de checar as informações recebidas. Já à ciência, cabe averiguar as consequências desses compartilhamentos e o seu impacto sobre a coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desinformação e a constante disseminação de *fake news* é um entrave atual para o aumento da cobertura vacinal contra a Covid-19. Grupos negacionistas utilizam-se de discursos modelados para atender às próprias premissas que justifiquem a não adesão à vacinação.

Michel Foucault nos faz refletir sobre a influência do discurso e os mecanismos de poder usados para auxiliar na disseminação da desinformação. Vivemos em uma sociedade repleta de conteúdos em mídias sociais, que justificam o atual fenômeno da infodemia. Torna-se mais complexa a checagem do que é real e do que é construído. Cabe a cada pessoa construir redes de confiança para confirmar fatos, reconhecer os seus locais de presença, assim como

a sua posição no grupo, para auxiliar na contenção das *fake news*.

Se conscientize dos locais que você atua como “dominador do discurso”, seja como professor, cientista, estudante ou indivíduo que tem acesso a fontes confiáveis de informação científica e utilize de múltiplos recursos a sua disposição para o combate às *Fake News*.

REFERÊNCIAS

1. ANVISA/OPAS/OMS. Informações Básicas Covid-19. [acesso em 15 jan 2022]. Disponível em: <https://bvsm.s.saude.gov.br/ultimas-noticias/3135-novo-coronavirus-covid-19-informacoes-basicas>.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde (SVS): Guia de vigilância Epidemiológica. [acesso em 15 jan 2022]. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>
3. Meneses J. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das *fake news*. Observatório. [Publicação online]. 2018 [acesso em 24 de março de 2021]; (1): 37-53. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376>
4. Oliveira TM, Martins RQR, Toth JP. Antivacina, fosfoetanolamina e Mineral Miracle Solution (MMS): mapeamento de *fake sciences* ligadas à saúde no Facebook. 2020 [acesso em 24 de março de 2021]. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/40876>
5. Pereira JPC, Braga GM, Costa GA. Negligência à vacinação: o retorno do sarampo ao Brasil. e-Scientia. [Publicação online]. 2019. [acesso em 24 de março de 2022];12(1): Pg 35, 2019. Disponível em: <https://revistas.unibh.br/dcbas/article/view/2826>
6. Teixeira A, Santos RDC. *Fake news* colocam a vida em risco: a polêmica da campanha de vacinação contra a febre amarela no Brasil. Rev Eletron Comum InfI nov Saúde [Publicação online]. 2020. [acesso em 24 de março de 2022];14(1). Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1979>
7. OPAS. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19. Washington: [Publicação online].

2020. [acesso em 24 de março de 2022]; 1(1):1-5. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/FactsheetInfodemic_por.pdf?sequence=14.
8. Genesini S. A pós-verdade é uma notícia falsa. Revista USP, São Paulo: [Publicação online]. 2018. [acesso em 24 de março de 2022] 116(1): 45-58. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146577>.
9. BBC News. Sarampo, pólio, difteria e rubéola voltam a ameaçar após erradicação no Brasil. 09 de julho de 2018 [acesso em 2021 mar.25]. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/sarampo-polio-difteria-e-rubeola-voltam-a-ameacar-apos-erradicacao-no-brasil.ghtml>
10. Sanches SHDFN, Cavalcanti AELW. Direito à saúde na sociedade da informação: a questão das *fake news* e seus impactos na vacinação. Revista Jurídica, Curitiba: [Publicação online]. 2018. [acesso em 24 de março de 2022] 53(4): 448-466. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/3227/371371743>
11. Vasconcellos-Silva PR, Castiel LD. COVID-19, as *fake news* e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. Cadernos de Saúde Pública. [Publicação online]. 2020. [acesso em 24 de março de 2022] 36 (1): e00101920.
12. Projeto de Lei nº 2630/2020, que “Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet [24 de março de 2022]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=225673>
13. Oxford Languages. Word of the Year 2016. 2020. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>
14. Art of the lie: Post- truth politics. The Economist. Londres, Reino Unido, 2016. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie>
15. Extra Globo. Enfermeira-chefe desmaia 'ao vivo' após tomar vacina contra Covid-19. 18 de dezembro de 2020 [10 ago 2021]. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/enfermeira-chefe-desmaia-ao-vivo-apos-tomar-vacina-contracovid-19-24803342.html>
16. Isto é dinheiro. Enfermeira desmaia após tomar vacina contra a covid-19 da Pfizer-BioNTech. 18 de dezembro de 2020 [05 mar 2021]. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/enfermeira-desmaia-apos-tomar-vacina-contracovid-19-da-pfizer-biontech/>
17. Foucault M. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
18. Foucault M. Vigiar e Punir: o nascimento da prisão. 20ª ed. São Paulo: Vozes, 1999, p.117.
19. Sacramento I, Paiva R. *Fake news*, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. Matrizes. [Publicação online]. 2020. [acesso em 24 de março de 2022] 14(1):79-106.
20. G1. Desinformação preocupa mais do que grupos 'antivacina', diz epidemiologista. 17 de março de 2020 [25 mar de 2021]. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2019/04/17/desinformacao-preocupa-mais-do-que-grupos-antivacina-diz-epidemiologista.ghtml>

DATA DE SUBMISSÃO: 10/04/22 | DATA DE ACEITE: 06/06/22

